



# Só Gutiérrez partiu

Reuters

**O afastamento do presidente equatoriano, em meio a grandes manifestações, teve como componentes a retirada do apoio dos militares e o dedo da Embaixada americana**

A deposição do presidente do Equador, Lucio Gutiérrez, foi saudada por diversos meios da esquerda em todo o mundo como uma “vitória popular”. A interpretação, no entanto, é, no mínimo, controversa. O afastamento de Gutiérrez foi obra do Congresso equatoriano e sequer pode ser qualificado de um ato constitucional, dizem alguns especialistas, uma vez que não houve a abertura de processo de *impeachment* contra o presidente. Uma situação que levou, por exemplo, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez – que tem amplo apoio entre setores de esquerda –, a se dizer “preocupado”. Uma versão apresentada pelo jornalista Kintto Lucas, da agência de notícias *IPS*, dá mais margem para se duvidar do caráter “popular” da deposição de Gutiérrez. Segundo ele, as grandes manifestações em Quito e Guayaquil na penúltima semana de abril, que levaram à queda do presidente, foram primordialmente realizadas por pessoas da classe média e da classe alta, com praticamente nenhuma participação das forças mais populares e mais à esquerda, representadas pelos movimentos indígenas. Segundo o jornalista, a destituição teria sido decidida pela Embaixada americana e pelas Forças Armadas (que anunciaram a retirada do apoio a

Gutiérrez, um ex-oficial do Exército). O Congresso do Equador, de acordo com Lucas, apenas referendou a decisão.

Durante a crise, a embaixadora Kristie Kenney esteve com Gutiérrez no Palácio Presidencial e, ao fim do encontro, o porta-voz da Embaixada, Glen Warren, declarou: “Estamos muito preocupados com o que está acontecendo no Equador. Queremos que todos os problemas sejam bem resolvidos e que os equatorianos vivam em paz”. Essa mensagem teria sido o fator que desencadeou a decisão do Congresso, reunido fora de sua sede, de destituir Gutiérrez.

Logo depois da divulgação da mensagem, o chefe da Polícia, Jorge Poveda, renunciou, dizendo que não podia ver “equatorianos matando equatorianos” (a Polícia equatoriana apóia o Plano Colômbia, financiado pelos EUA para combater, no vizinho país, a guerrilha e o narcotráfico).

**Sem eleições** Kintto Lucas assinala ainda que a própria solução dada não foi a esperada pelas multidões que continuaram se manifestando e até invadiram a sede alternativa do Congresso, gritando: *Que se vayan todos*. Os manifestantes queriam que fossem convocadas para logo, no máximo em

quatro meses, novas eleições presidenciais e parlamentares. A saída encontrada, que teria sido arranjada entre a Embaixada americana, as Forças Armadas equatorianas e o Congresso do Equador, foi a posse do vice-presidente, Alfredo Palacio, que logo anunciou que vai cumprir todo o mandato, até janeiro de 2007.

A versão de Lucas sobre o caráter social das manifestações é confirmada pelo semanário britânico *The Economist*, a mais influente publicação conservadora do mundo, guia das classes dominantes internacionais há mais de 150 anos. Sem mencionar o papel da embaixadora americana, a revista diz que a deposição de Gutiérrez foi o fim de uma batalha que durou anos, entre um presidente autoritário e impopular, mas que tinha sido eleito legitimamente, e os “clãs gananciosos” que dominam o Congresso equatoriano.

O semanário prossegue dizendo que, desde que foi eleito por partidos de esquerda em 2002, Gutiérrez, um coronel mestiço num país em que os índios compõem as classes mais baixas, adotou políticas neoliberais que alienaram seus adeptos e passou a sobreviver politicamente por meio de jogar uns contra os outros os partidos representados no Congresso, até que ficou pra-

ticamente sem aliados.

Em novembro último, o Partido Social-Cristão, de tendência conservadora, passou para a oposição e começou a apoiar um movimento pelo *impeachment* de Gutiérrez. Para derrotar o *impeachment*, Gutiérrez se aliou a dois partidos populistas, um deles liderado por Abdalá Bucaram, ex-presidente que havia fugido para o Panamá para escapar de acusações de corrupção. O preço cobrado por esses partidos para apoiar Gutiérrez foi a alteração da composição do Supremo Tribunal, então dominado por simpatizantes do Partido Social-Cristão, com o acréscimo de juízes que não votassem pela condenação de Bucaram, conhecido como *El Loco*, e de outros acusados por corrupção.

**Avolta de *El Loco*** Em março, o Supremo Tribunal assim renovado declarou incabíveis as ações contra Bucaram. A oposição em geral e o Partido Social-Cristão em particular reiniciaram sua ofensiva contra o presidente Gutiérrez. *El Loco* voltou ao Equador, para lançar-se como candidato à sucessão de Gutiérrez, em 2007, e exacerbou seu populismo, ao declarar que, novamente presidente, iria desencadear uma “revolução dos pobres”, semelhante, segundo ele, à que o presidente Hugo Chávez está realizando na Venezuela. Isso levou, de um lado, a uma crise na nova aliança que Gutiérrez tinha acabado de montar. Afinal, o presidente tinha abandonado seu esquerdismo eleitoral para adotar o neoliberalismo como governante. E, de outro, levou a protestos de rua, da classe média e alta,

em Quito e em Guayaquil, para exigir o afastamento de Gutiérrez e atacar a “revolução dos pobres” de *El Loco*.

Diante dos protestos, o Congresso resolveu agir e Gutiérrez também: declarou estado de emergência e, usando poderes assim a ele outorgados, dissolveu o novo Supremo Tribunal que ele tinha tido tanto trabalho para organizar. As mortes de três pessoas durante as manifestações – que continuaram, apesar do estado de emergência – radicalizaram os manifestantes. Foi aí que o Congresso destituiu o presidente da República, valendo-se do especioso argumento de que Gutiérrez havia “abandonado o cargo”.

Cumprir notar que as manifestações foram totalmente espontâneas e, nos seus primeiros dias, foram totalmente ignoradas pela mídia, com exceção de uma única rádio, a única a dar notícias sobre o movimento. Os partidos conservadores de oposição não participaram nem da organização, nem das manifestações propriamente ditas. Os partidos de esquerda e ligados aos indígenas, praticamente também não. Na verdade, os manifestantes atacaram o próprio Congresso depois de este, reunido fora de sua sede, ter destituído Gutiérrez.

O que parece evidente é que, se é que as manifestações tiveram algum sentido político além da indignação contra a corrupção, esse foi o de se opor à “revolução dos pobres” pregada por Bucaram – embora houvesse poucos motivos para se acreditar na sua sinceridade, tanto que seus supostos beneficiários não saíram às ruas para defendê-lo.

As manifestações também não tiveram alvo econômico. Dentro dos parâmetros do neoliberalismo, normalmente aceitos pelas classes média e alta, o governo Gutiérrez vinha se conduzindo bastante bem. O crescimento do PIB foi de 7% no ano passado, em que

*Gutiérrez: eleito em 2002 com apoio da esquerda e dos movimentos indígenas, adotou um programa neoliberal, e foi destituído de forma inconstitucional pelo Congresso*

igualmente, pela primeira vez em várias décadas, o governo obteve um superávit fiscal. Isso apesar de os congressistas se terem oposto a várias reformas do Estado propostas por Gutiérrez.

O episódio da defenestração de Gutiérrez é mais um na história da frágil democracia equatoriana. Nos últimos nove anos, Gutiérrez é o terceiro presidente legitimamente eleito a ter sido destituído. A corrupção é endêmica entre os políticos do país e invariavelmente o padrão se repete: ganha o candidato à presidência que ataca a corrupção e os políticos; depois ele tem de governar com os políticos corruptos e perde o apoio da opinião pública. Daí, é derrubado.

**Crise à Argentina** A trajetória do presidente deposto começa em 2000, um ano após o país ter declarado moratória dos títulos Brady da dívida externa. Gutiérrez participou do golpe militar incruento que, em meio a uma crise econômica semelhante à vivida pela Argentina, derrubou do poder o presidente legitimamente eleito Jamil Mahuad (em 1996 havia sido deposto o também legitimamente eleito Bucaram) e instalou no poder o presidente Gustavo Noboa. Este adotou o dólar como moeda oficial do país, mas acabou se envolvendo em acusações de propinas. Gutiérrez ganhou as eleições de 2002, à frente de uma ampla coalizão de esquerda e dos movimentos indígenas. Uma vez no poder, entretanto, Gutiérrez se foi aproximando cada vez mais das teses neoliberais, tanto que nisso foi além dos próprios políticos dominantes, que se recusaram a aceitar investimentos estrangeiros no petróleo.

Agora, os meios políticos e intelectuais, apesar dos desejos da própria classe média e alta em favor de *que se vayan todos*, julgam muito arriscado que se convoquem nos próximos meses eleições presidenciais e legislativas antecipadas. Os políticos e intelectuais temem que seja eleito um candidato populista extremado, que baseie sua campanha no antineoliberalismo e, principalmente, na anticorrupção. Nessas condições, o ciclo se repetiria. Afinal, por volta dos anos 1950, no Equador, o presidente Velasco Ibarra foi eleito cinco vezes e deposto quatro. **[Renato Pompeu]** ■



Pesquisa ODI